

REI

REVISTA DE EDUCAÇÃO DO IDEAU



Instituto de Desenvolvimento Educacional do Alto Uruguai - IDEAU



REI

REVISTA DE EDUCAÇÃO DO IDEAU

Vol. 13 – Nº 27 – Janeiro – Julho 2018

Semestral

Artigo:

PSICOLOGIA ESCOLAR NAS PRÁTICAS PSICOEDUCATIVAS SOBRE SEXUALIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Autoras:

TABACZINSKI, Carine¹

FRIGHETTO, Juliana²

¹ Graduada na Escola de Psicologia da Faculdade Meridional (IMED- Passo Fundo, RS), carine_tbz@hotmail.com

² Psicóloga, Doutoranda em Psicologia (USF), Docente da Escola de Psicologia da Faculdade Meridional (IMED- Passo Fundo, RS), professorajulianafri@gmail.com

PSICOLOGIA ESCOLAR NAS PRÁTICAS PSICOEDUCATIVAS SOBRE SEXUALIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Resumo: Partindo do princípio de que a educação sexual é um processo de uma vida inteira, trabalhos psicoeducativos a respeito da sexualidade, com as crianças, pais e professores, devem ser desenvolvidos, a fim de promover a higiene, diminuir o grau de vulnerabilidade que as mesmas estão expostas e torná-los crianças e futuros adultos bem informados e seguros no que diz respeito à sexualidade. O presente relato de experiência objetiva apresentar o trabalho do psicólogo em formação durante o período de estágio curricular e relatar uma experiência envolvendo educação sexual positiva em uma escola de educação infantil no interior do norte do Rio Grande do Sul. O trabalho irá destacar as formas de avaliação e desenvolvimento do processo psicoeducativo sobre a sexualidade infantil, na perspectiva das correntes psicanalíticas e de perspectiva da Psicologia Positiva, com aproximadamente 46 crianças, de quatro turmas, com idades entre 4 e 6 anos, sendo 25 meninas e 21 meninos. As atividades sobre o desenvolvimento psicosssexual da infância foram divididas em três temáticas: Introdução à sexualidade infantil; Orientação sexual e Meu corpo: Prevenção ao abuso, sempre respeitando a faixa etária e compreensão cognitiva das crianças. Considerando as crenças gerais da comunidade escolar e familiar relacionadas à aprendizagem e descoberta do corpo, destaca-se neste estudo o profissional em Psicologia como o que considera e reforça um ambiente propulsor de qualidades a serem estimuladas nas crianças, com relação ao seu corpo, bem como, a rápida e fácil compreensão das crianças sobre o tema da sexualidade.

Palavras chaves: sexualidade infantil; psicologia escolar; educação emocional positiva.

Abstract: Assuming that sex education is a lifelong process, psychoeducational work on sexuality, with children, parents and teachers, should be developed in order to promote hygiene, reduce the degree of vulnerability they are exposed and make them children and future adults well informed and safe with regard to sexuality. The present report of experience aims to present the work of the psychologist in formation during the period of curricular traineeship and to report an experience involving positive sex education at a kindergarten in the interior of the north of Rio Grande do Sul. evaluation and development of the psychoeducational process on child sexuality from the perspectives of psychoanalytic currents and Positive Psychology perspectives, with approximately 46 children from four groups, aged 4 to 6 years, 25 girls and 21 children. Activities on the psychosexual development of childhood were divided into three themes: Introduction to child sexuality; Sexual orientation and My body: Prevention of abuse, always respecting the age range and cognitive understanding of children. Considering the general beliefs of the school and family community related to the learning and discovery of the body, the professional in Psychology stands out in this study as what considers and reinforces a propulsive environment of qualities to be stimulated in children, with respect to their body as well such as the rapid and easy understanding of children on the subject of sexuality.

Keywords: child sexuality; school psychology; positive emotional education

1 INTRODUÇÃO

Considerando a sexualidade infantil, Freud (1919) foi um dos pioneiros em entendê-la de forma diferenciada da do adulto, algo que não acontecia na Idade Média. Foi ele quem constatou que, a princípio, a sexualidade infantil está ligada às necessidades orgânicas das

crianças, como a necessidade de sugar o leite materno do peito de sua mãe. A incorporação do leite através da sucção faz a criança sentir ter a mãe dentro de si e, a partir disso, a criança vai projetando e introjetando suas primeiras experiências de amor e ódio (RAPPAPORT, 1981). Segundo o autor a sexualidade e infância são assuntos interligados, pois, desde o nascimento, a criança explora o prazer, os contatos afetivos e as relações de gênero. Winnicott (1958) complementa isso:

A insistência de Freud na sexualidade infantil — isto é, a vida instintiva que é capital para a criança dessa idade — acarretou em uma certa impopularidade para a psicanálise, em bora possa-se dizer que, hoje, os grandes princípios enunciados por Freud sejam aceitos. A dificuldade agora reside no entendimento das forças tremendas que se põem em ação e subjazem tanto à sintomatologia desse período quanto à saúde emocional, a qual pode ser atingida quando a criança tem cerca de cinco anos e vai entrando no período de latência (p.22).

As Fases Psicosexuais descritas por Freud são encontradas em Cole & Cole (2004). A característica da primeira fase, denominada Fase oral (0-1), consiste mastigar, sugar e morder, onde a organização primitiva da identificação ocorre através da incorporação do alimento materno. Já a fase anal (1-3) diz respeito à relação com objeto impregnada de significações, em que a função de urinar e defecar estabelece relações simbólicas com o mundo através destes produtos.

Bock (2002) traduz a teoria psicanalítica normativa descrevendo que a pulsão não está dirigida para outra pessoa, ela é auto erótica, ou seja, satisfaz-se no próprio corpo da criança e, as primeiras experiências sexuais não são de ordem genital, e sim, existem zonas erógenas predestinadas, e, em algum momento a criança atenta casualmente para a zona erógena das genitálias. Assim, a descoberta do corpo é uma importante fonte de prazer e costuma vir acompanhada de perguntas sobre a sexualidade.

Quando isso acontece no ambiente escolar, um profissional de Psicologia avalia a sexualidade também. E para isso, uma abordagem vem considerando aspectos positivos do ser humano trazidos pelas teorias clássicas, de forma de Lopez e Snyder (2011) apontarem a necessidade de se utilizar da Psicologia Positiva com as crianças. Conforme Marujo, Neto e Balancho (2013), em uma avaliação, é importante que se considere a Psicologia Positiva. Segundo eles, é de considerar a subjetividade para além das questões disfuncionais e normativas. Por exemplo, aspectos culturais envolvidos na questão de gênero foram apontados por Giacomoni, Souza e Hutz (2014) ao se avaliar o conceito de felicidade em 200

crianças gaúchas. Os achados dão conta de que meninos divergem de meninas e aspectos subjetivos positivos precisaram ser considerados.

Seligman (2002) defende que a educação não precisa ser baseada na correção das crianças, mas sim, em propiciar um espaço em que as boas qualidades cresçam. Por conseguinte, para focar nos aspectos positivos no ambiente escolar, é necessário não somente atender para o problema da criança e a sua família como trazem 50 profissionais de educação infantil de fundamental, mas sim contextualizar e avaliar considerando toda comunidade escolar (BASTOS; PYLRO, 2016). A educação sobre sexualidade na escola foi apontada como promotora de diminuição de atividades de risco e maior aproximação da comunidade escolar com a saúde (NEVES; GOMES, 2016).

Além disso, considerando o impacto a lacuna de uma educação sexual positiva nos estudos que tem apontado o abuso sexual infantil como uma consequência em longo prazo, justifica-se a abordagem também da Psicologia Positiva em sexualidade no ambiente escolar. Estudiosos apontam que esse evento estressor na vida da criança causa mais problemas em longo prazo do que crianças que passam por outros estressores, como maus tratos (LEWIS, et. al., 2016).

O processo de viabilização dessas ações em ambiente escolar pode começar ainda na infância e continuar nas demais fases do ciclo vital. Autores constatarem que na fase da adolescência há um descaso quanto à gravidez na adolescência a ponto de o índice de abandono do ambiente escolar ser uma consequência (SILVA; REGINA, 2016). O desenvolvimento da sexualidade adolescente está intimamente relacionado com o infantil e, considerando que provoca dúvidas e receios aos pais e professores, é importante um espaço na escola para pensar e refletir sobre o manejo adequado ainda quando criança. Dessa forma, fica mais fácil entender a curiosidade das crianças considerando suas condições positivas envolvidas no processo de aprendizagem.

Partindo do princípio de que a educação sexual é um processo de uma vida inteira, o íntimo e privado e o que é partilhado e público, precisam aparecer por meio de trabalhos psicoeducativos a respeito da sexualidade, com as crianças, pais e professores, a fim de promover a higiene, diminuam o grau de vulnerabilidade que as mesmas estão expostas e torná-los crianças e futuros adultos bem informados e seguros no que diz respeito à sexualidade. É importante enfatizar ainda na formação do psicólogo quais e como contextualizar suas práticas (BASTOS; PYLRO, 2016).

Relatos de experiências já têm sido trazidos sobre tais práticas, sendo uma delas a de expressar emoções. A expressividade das emoções ainda na infância são formas de estimular habilidades positivas (SCHWARTZ; et. al., 2016). Por isso, considerar os conteúdos trazidos pelas crianças no ambiente escolar se faz como base para essa experiência. Considerar a visão das crianças auxilia na realização mais adequada de níveis de satisfação e bem-estar subjetivo (GIACOMONI et al., 2014).

Assim, aqui objetiva-se relatar uma experiência envolvendo educação sexual positiva em uma creche. O objetivo era que as crianças conhecessem melhor os seus sentimentos e o seu corpo, que elas pudessem realizar um autoconhecimento do que, como e onde sentiam e se manifestavam todos esses sentimentos, para que pudessem se empoderar de si, para que esse tema não fosse um tabu, e que durante os encontros elas sentissem-se livres para manifestarem suas opiniões e dúvidas. Observa-se que, neste estudo foi levado em consideração as especificidades da educação infantil e das crianças de 4 á 6 anos de idade, e o modo com elas conhecem o mundo. Por conta disso, a temática foi abordada por meio da brincadeira e de interações com livros e desenhos.

2 MÉTODO

2.1 Participantes:

A atividade contou com a participação de 46 crianças, com idades entre 4 e 6 anos, sendo 25 meninas e 21meninos. Abrangeu-se as turmas do Pré A I-II (4-5a) e Pré B I-II (5-6a).

2.2 Instrumentos:

Filme Home: Cada um na sua casa (Tim Johnson, 2015). A animação explora a relação de uma criança com um alien fofo. Os Boovs são criaturas simpáticas, que estão sempre fugindo dos terríveis Gorgons. Eles decidem que a terra é o lugar perfeito para habitarem. Com isso, retiram todos os humanos de suas casas e passam a viver em cidades humanas. Dentre os Boov, Oh é o mais amigável e atrapalhado. Por conta disso, chamou os inimigos por engano e agora está sendo procurado. Enquanto tenta se esconder, encontra uma menina e seu gato, que estão à procura da mãe dela. O trio acaba se unindo em uma aventura

que termina de forma satisfatória para ambos. O que chama atenção no filme, e foi usado para trabalhar com as crianças, é a forma visível da mudança de humor de Oh. Durante o filme, as suas alterações de humor são acompanhadas pela mudança de sua cor, tornando possível e palpável trabalhar educação emocional com as crianças.

Pipo e Fifi: Material lúdico que promove a prevenção de violência sexual na infância com materiais para desenhar, recortar e pintar, que foram utilizados, na construção da figura humana. Há placas de “toque sim” e “toque não” do livro, que foram readaptadas para serem exploradas e trabalhadas no desenho. Nessa atividade, as crianças foram divididas em dois grupos: um desenhou o corpo masculino e o outro o feminino, obedecendo a regra de se ter o maior número de detalhes de um corpo nu. Com a ajuda das crianças, as placas de “público” e “privado” foram coladas respectivamente em lugares onde era permitido expor e tocar em público e lugares do corpo onde é necessário cobrir e manusear em particular. A estória do Pipo e Fifi foi contada para complementar essa atividade. Nela, os personagens aparecem tomando banho para ilustrar como é o corpo de uma menina e de um menino e como devemos cuidar desse corpo. Os irmãos mostram diversas situações de toques e, quais deles são “toque sim” e quais as crianças não devem aceitar “toque não”, bem como, a importância de contar para um adulto de confiança quando algo desagradável acontece. Ao findar, as placas de “toque sim” e “toque não” foram coladas no cartaz, ao lado das da atividade anterior.

Atividades sobre o desenvolvimento psicosssexual da infância: foram divididas em três temáticas: Introdução à sexualidade infantil; Orientação sexual e Meu corpo: Prevenção ao abuso, com as turmas do Pré A I-II (4-5a) e Pré B I-II (5-6a).

2.3 Procedimento:

As atividades foram programadas, ainda no início do ano, focando-se na questão da sexualidade nos meses de outubro e novembro. O tempo de cada atividade foi de, aproximadamente, uma hora. Em seguida, avaliaram-se outras demandas na escola por mais quatro horas, semanalmente, que foram consideradas no contexto desse tema. Somando todas as atividades, totalizou-se 240 horas na escola durante o ano de 2016. As atividades sobre sexualidade iniciaram após a autorização dos pais, obedecendo-se aos preceitos éticos preconizados pela resolução do Conselho Nacional de Saúde (CNS) 196/96. Iniciou-se com o filme *Home: Cada um na sua casa* (Tim Johnson, 2015). Após, as atividades foram construídas individualmente com as turmas, respeitando a sua faixa etária de cada uma. Por

conta disso, o título da primeira ação foi “Introdução à sexualidade infantil”, visando recolher maiores informações a respeito do entendimento de sexualidade enquanto turma e cada criança sobre o tema. A partir dessa coleta de dados, as atividades foram desenvolvidas a partir da estória de Pipo e Fifi.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir das atividades de plantão psicológico na escola, observou-se a necessidade de atividades psicoeducativas com crianças e professores da instituição, pois dúvidas a respeito dessa temática foram frequentes. Entre elas, destacaram-se a dificuldade de abordar uma criança diante de masturbação e, quais as manifestações de sexualidade esperadas no decorrer do desenvolvimento infantil.

Um dos casos que demandou a avaliação individual da sexualidade foi relacionado à uma menina de três anos, que realizava masturbações com frequência incomum em sala de aula. A criança não fazia parte das turmas beneficiadas com as atividades sobre a sexualidade, mas, devido à preocupação e à falta de informação dos professores e pais, a mesma foi avaliada individualmente. Considerando a necessidade de iniciar com uma avaliação médica para se tomar conhecimento das implicações físicas do caso, a mãe foi encaminhada para a. Alterações comportamentais na infância têm sido atreladas a questões de ordem física (RODRIGUES-PALUCCI; LOUREIRO, 2017). Deu-se continuidade à avaliação psicológica após a mãe trazer um atestado médico em que se afirmava ausência de causas de ordem fisiológica. Sendo assim, a psicóloga em formação deu continuidade ao seu trabalho com a mãe, em que se averiguou a rotina detalhada da criança e a mesma foi orientada a oferecer atividades focadas na comunicação mãe e filha, a fim de diminuir o nível de ansiedade revelado pela masturbação constante da filha. Isso corroborou o que Nghipondoka-Lukolo e Charles (2015) constataram sobre a eficácia de um programa de educação sexual a partir de três fases, em que os pais seriam os precursores. Na fase um, identificaria-se a forma com que se dão as estratégias parentais e nas fases dois e três se dá o desenvolvimento de um programa de atenção (NGHIPONDOKA-LUKOLO; CHARLES, 2015).

Entendeu-se a importância dos pais serem os precursores, pois como o momento ali não era de ações interventivas e, sim, avaliativas e de orientação, favorecer um ambiente propício para que eles sejam atores ativos do processo de educação sexual foi prioritário. A baixa internalidade parental tem sido associada a riscos inclusive para cuidados em saúde

bucal de crianças (NUNES; PEROSA, 2017). Facilitar essa internalização vai ao encontro do que Seligman (2002) defende sobre propiciar espaço de boas qualidades em crescimento, e não por orientações coercitivas. Dessa forma, também contemplou-se o que Bastos e Pylro (2016) trazem de que, ao contrário do que os professores acham que o problema da criança está na família, nessa situação incluiu-se a família como forma de contextualizar e considerar toda comunidade escolar. Assim, embasa-se em Neves e Gomes (2016) para reforçar o quanto a educação sobre sexualidade em uma escola aproxima a comunidade escolar da área da saúde e diminui riscos. Antes de iniciar as atividades sobre sexualidade infantil de forma coletiva com as crianças das turmas dos Prés A (4- 5), as turmas assistiram ao filme *Home: Cada um na sua casa* (TIM JOHNSON, 2015) que introduziu a temática dos sentimentos de forma lúdica. Esse filme possibilitou às crianças a observação das mudanças comportamentais decorrentes da oscilação de humor, enquanto associavam com a troca de cor do personagem. Em seguida, as crianças pintaram as faces com os sentimentos abordados no filme e suas respectivas cores. Percebeu-se que a alegria, tristeza e a raiva eram mais facilmente reconhecidas pelas crianças, do que as faces assustada, de medo e apaixonada. Schwartz et al.(2016) já evidenciavam o quanto expressar emoções é um recurso no sentido de facilitar o entendimento e a acessibilidade à visão da criança. Considerou-se o estudo que constatou uma correlação do estado de TDAH na infância com condutas e comportamentos sexuais arriscados oito anos depois (HOZA et al., 2013). Também a variável de gênero pode influenciar a ênfase de conteúdos subjetivos, já que são as meninas que mais atrelam os sentimentos ligados ao conceito de felicidade, enquanto que meninos o relacionam ao lazer (GIACOMONI et al., 2014).

Com as duas turmas de nível Prés B (5- 6 anos), após terem assistido o filme, as crianças pintaram livro de atividades de “Pipo e Fifi”. A atividade era referente aos sentimentos, e para cada sentimento foi atribuído uma cor para que as crianças pudessem destacar no boneco ao lado onde eles sentiam cada um deles. Destacou-se a cor marrom, representada pela saudade, que por muitos era sentida no coração. Entende-se que essa representação pode ter sido decorrente das atividades sobre o luto realizadas anteriormente e que preservaram ali, sendo o sentimento da saudade e da tristeza enfatizados.

As atividades de psicoeducação dos sentimentos ajudaram a dar início às atividades da sexualidade, pois o corpo além de ser o responsável pelas manifestações dos sentimentos, é o depositário de mudanças emocionais e físicas, paralelo às mudanças no decorrer dos anos. Em seguida, as crianças foram instruídas a desenharem, com massa de modelar, a figura de

um corpo humano, reforçando-se a regra de se realizar com o maior número de detalhes possíveis. Percebeu-se durante essa atividade que todas as crianças desenharam seus personagens com roupas, e que, os órgãos genitais eram popularmente conhecidos por “pepeca” e “pinto”, e ao serem pronunciados denotaram o tema como tabu, pois segundo uma criança do Pré A II “minha mãe disse que na escola não podemos falar isso, é feio” (sic). Giacomoni et al. (2014) constataram essa visão com tendência a trazer referências da família em crianças de escola pública, sendo que o fato de falarem mais da família foi o que as diferenciou de crianças de escola privada ao se avaliar o conceito de felicidade. Nessa situação, aponta-se para a internalidade parental, quando se entende que o cuidado para com a educação do filho não foi deixado somente para que o meio externo à família (escola) o fizesse, sendo isso um fator protetivo para a educação em saúde mental também de crianças. Por outro lado, mostra o quanto a criança traz a moralidade do adulto na sua concepção de sexualidade, inclusive de forma negativa, indicativo de alvo para intervenção futura.

Nessas atividades, as crianças puderam relacionar os sentimentos com o corpo, pois “os sentimentos a gente sente e eles se manifestam através das expressões faciais, nos nossos comportamentos e falas” (sic). Os professores foram instruídos a proporcionar mais momentos para reflexão como esse durante as suas aulas, pois, a regulação emocional está associada ao ajustamento escolar Positivo/ Engajado apenas quando há apoio emocional e organizacional por parte dos professores, como aponta a pesquisa de Bailey et al. (2016) com 312 crianças em idade pré- escolar. Os autores defendem que o apoio do professor pode ser particularmente útil para as crianças que precisam regular suas emoções para ser melhor se ajustar na escola e na vida.

Dando sequência às atividades sobre o desenvolvimento sexual, as crianças dos Prés A- B foram divididas em dois grupos, cada grupo desenhou na folha papel pardo, usando o corpo do colega como molde. O desenho que representava o corpo masculino foi ilustrado com um pênis e o feminino, retratada pela a vagina. Placas escritas “Pública” e “Privada” foram coladas no cartaz, ao lado das partes do corpo (pênis, vagina e seios) que não podem ser expostas ou tocadas em público, e as partes do corpo que podemos tocar e que os outros podem tocar. Vassilopoulos et al.(2013) apontam em seu estudo a eficácia da psicoeducação ou acolhimento e o crescente investimento por parte das instituições de ensino superior em profissionais capacitados na prestação de serviços individuais e serviços de aconselhamento de grupo a todos os níveis de escolas. Os grupos psicoeducativos são sugeridos como um

método eficaz de abordar questões sociais, pois, educam os participantes sobre a habilidade de enfrentamento.

Percebeu-se que as crianças do Pré A I- II comparadas as do Pré B I-II, possuem mais dificuldade em falar sobre o tema sexualidade e em pronunciar palavras, como “vagina” e “pênis”. A palavra “pênis” foi confundida com “tênis” por uma criança dessa mesma turma. Nas vezes em que esses termos foram mencionadas risos e cochichos entre colegas vieram em seguida, assim como falas, como “é feio falar sobre isso” e “minha mãe disse que não é pra falar disso”(sic). Entendeu-se que, as normas e os comportamentos ligados à sexualidade no contexto histórico, social e cultural, sempre foram norteados por valores e princípios religiosos, além de serem cercados por muitos mitos, tabus e receios. Somente uma criança da turma Pré A I usou a palavra “pinto”, para se referir ao órgão genital masculino, do contrário, usavam outras expressões, como o caso de uma menina que se referiu à sua vagina como “aquela coisa” e os colegas reforçavam de que não se deve falar “essas coisas”.

Porém, nota-se que o entendimento sobre as atividades elaboradas foi mais amplo, se comparado às crianças do Pré A I-II, pois o processo normativo se mostrou e a turma caracterizou-se como organizada e apta a ouvir, explorar e falar da temática. Ao experienciar na prática, a teoria estudada fica claro que enquanto para o adulto traz a erotização, preconceito e desejo como conteúdos da sexualidade, por outro lado, para a criança é conhecimento, descoberta e curiosidade, ou seja, não há malícia. Essa situação faz avaliar o quanto se está presente não somente a transmissão do saber em sexualidade infantil, mas sim um estilo do educador implícito na transmissão (GABARINO, 2010). Essas situações corroboram o que Seligman (2002) propõe que ao favorecer um ambiente diferenciado para a criança, o que há de mais autêntico e positivo desenvolve-se.

A educação sexual no âmbito da educação infantil pode-se configurar como um espaço privilegiado, em que as crianças adquirem conhecimentos sobre o assunto, a fim de tornar mínimos os riscos de saúde e diminuir o grau de vulnerabilidade que as mesmas estão expostas, tornando-os crianças e futuros adultos mais bem informados e seguros no que diz respeito á sexualidade (CRUZ, 2003; RODRIGUES; WECHSLER, 2014). A implicação da vulnerabilidade de pessoas adultas que passaram por abuso sexual infantil foi entendida como associada a mais problemas na vida adulta (LEWIS et al, 2016).

Nas duas turmas Prés B, segundo relato das crianças e professoras, o nome correto dos órgãos genitais já foi trabalhado, bem como, possuem mais entendimento sobre o tema sexualidade do que as turmas do Pré B, mas, constatou-se um pudor maior em falar sobre o

assunto, e quando as palavras pênis e vagina eram pronunciadas também havia “risinhos”. Entende-se que, essa relutância em falar sobre sexualidade, desde o nome dos órgãos genitais até as questões de gênero, reflete tanto a forma como pais e escolas percebem e abordam o tema como cada criança a vivencia subjetivamente, que se materializam em discursos como “é feio falar sobre isso” e “não pode porque é feio” (sic).

A subjetividade é construída a partir das experiências sexuais na infância e podem refletir no funcionamento das relações de parceiros adultos, como apresenta Izdebska, Beisert e Roszyk (2015) em um estudo realizado com 170 casais adultos, que confirmou a inter-relação entre o nível de erotização na família de origem e a experiência de abuso sexual infantil com o conluio nas relações de procriação. Quando se evita um ambiente de erotização e se abre espaço para tratar do tema de forma natural como nessa experiência na creche, percebe-se que além, de ao final da atividade, as crianças já estarem mais à vontade para falar e trazer questões do cotidiano, reafirmando o objetivo da atividade que foi fazer com que aquele ambiente fosse acolhedor ao ponto das crianças com espontaneidade falar “coisas” que antes não lhe eram permitidas e que esse ambiente suprisse a sua demanda.

Por meio de uma pesquisa realizada por Rocha (2015), referente à educação sexual em uma escola de educação fundamental, em Novo Mundo-MT, com pais de crianças do 6º ano, por meio de um questionário com 13 perguntas abertas e fechadas, constatou que o tema é abordado superficialmente com as crianças e/ou adolescentes por entenderem que os mesmo não tem idade suficiente para ter uma conversa mais aprofundada. Fagundes (1995, p.3) já trazia que, “Muitos adultos se escondem, sentem vergonha e a causa pode estar numa infância mal orientada. A criança que tem idade para perguntar também tem idade pra ouvir”.

Com a estória do Pipo e Fifi, abordando o “Toque Sim” e o “Toque Não”, possibilitou-se a contextualização com as atividades anteriores do “Público” e “Privado”. As crianças lembraram os nomes correto dos órgãos genitais anteriormente ensinados e interagiram com a estória relatando suas vivências. Durante essa atividade, realizada no Pré B II, o professor de educação física que se fazia presente na contação, fez algumas observações de senso comum, desconstruindo o ensinamento de meses com as crianças, com falas, como “Vocês tem que contar sempre pra mãe de vocês, de preferência pra mãe” e “tem alguns pais malvados que fazem isso, mas o de vocês não, o de vocês não são assim” (sic).

Essa situação reforça o quanto os profissionais de educação infantil e fundamental preocupam-se com questões de violência a crianças, entretanto, tendem a enfatizar a relação criança e família. Silva (2013), por meio de uma pesquisa de campo, com abordagem

qualitativa, em uma privada e a outra pública de Brasília- BR constatou que a dificuldade em abordar a sexualidade não ocorre somente com os pais, em suas residências. Na escola, os profissionais da pedagogia estão em busca de formação e informação profissional, pois, encontram dificuldades em responder ou trabalhar o tema da orientação sexual em sala de aula. Esta situação foi corroborada durante a aplicação das atividades do projeto referentes à sexualidade, em que muitos professores relataram não trabalhar o tema em sala de aula, bem como, sentem dificuldades em abordar uma criança que está se masturbando, por exemplo. Silva & Regina (2016) pesquisaram na região sul do Brasil e indicam a importância de se ter funcionários disponíveis para se trabalhar questões de sexualidade na escola e a evasão escolar está entre um dos efeitos quando os alunos se deparam com impasses na sexualidade. Houve abordagem nos corredores, por parte de alguns pais, para parabenizar a iniciativa em se abordar esse tema, pois os mesmos percebem isso em casa e também referem sentir dificuldades em abordar o tema.

Quando as crianças traziam outras falas, fora da temática, o professor que acompanhava repreendia, sendo que em um desses momentos uma criança diz “ela (a psicóloga em formação) deixa nós falar sobre o que a gente quiser” reforçando o vínculo que se construiu naquele ambiente. Dos 50 professores entrevistados, 66% defendem que um psicólogo escolar deve focar na relação criança e família, implicitamente colocando nesses dois atores a responsabilidade pelo fracasso escolar (BASTOS; PYLRO, 2016). Por outro lado, autores indicam a necessidade de estudos de gestão de implicações éticas ao se perguntar para uma criança sobre aspectos que envolvem violência (DEVRIES et. al., 2015). Além disso, reforça o quanto expressar emoções estimula competências sociais nas crianças, como autocontrole e empatia (SCHWARTZ et al., 2016). Tais habilidades é que são apontadas por Seligman (2002) como consequências positivas de uma educação favorecedora de potencialidades.

A Psicologia tem um importante papel na elaboração de projetos voltados à formação de professores no que diz respeito ao tema. Isso promove a reflexão e a instrumentalização dos educadores, para compreender e agir de forma assertiva diante de manifestações sexuais das crianças na escola, através do vasto referencial teórico que possui sobre o desenvolvimento infantil e a construção social da sexualidade (MAIA; SPAZIANI, 2010). Essa constatação finda uma experiência que marca o profissional em Psicologia como o que considera e reforça um ambiente propulsor de qualidades a serem estimuladas nas crianças. Esse ambiente, inclusive pelo tamanho, interfere significativamente na forma de se abordar o

que deixa as crianças pontuando mais em bem-estar subjetivo (GIACOMINI; SOUZA; HUTZ, 2016). Nessa experiência, aproveitou-se o fato de essa escola ser pequena para reforçar a proximidade tanto de cada criança como com cada família, aumentando as chances das orientações serem efetivas e contextualizadas.

Os autores Widensk e Junior (2014) trazem um aspecto semelhante entre as teorias de Sigmund Freud e Carl Rogers, ambos percursores das correntes psicanalítica e positivista, simultaneamente. Para eles, a ab- reação e a subcepção proporcionam conseqüentemente o alívio dos sintomas. Tendo a Psicologia Positiva em sua epistemológica a teoria de Rogers, os achados dos autores dão conta de que enquanto esse foco na consciência é priorizado, o entendimento psicanalítico é que por meio do inconsciente a sexualidade é permeada pelas repressões construídas. Enquanto que por meio dessa concepção psicanalítica, ao avaliar, considerara-se a linguagem como forma de expressão dos afetos e da sexualidade, pela concepção humanista/positiva, avalia-se utilizando da estima positiva incondicional para com a criança como forma de ajudar ela a simbolizar e construir congruência entre o que é do social e o que é seu.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Escola é um ambiente extremamente rico em aprendizagem para os profissionais da área de Psicologia e pode ser deflagrador positivo de personalidades autênticas e resilientes. Durante essa experiência foi possível à troca de conhecimentos e saberes, tanto a Psicologia contribuindo no cotidiano escolar, como a escola possibilitando um espaço amplo e favorecedor de aprendizagem e utilização de qualidades ainda na graduação. Considerando as crenças gerais da comunidade escolar e familiar relacionadas à aprendizagem e descoberta do corpo, destaca-se neste estudo o profissional em Psicologia como o que considera e reforça um ambiente propulsor de qualidades a serem estimuladas nas crianças, com relação ao seu corpo, bem como, a rápida e fácil compreensão das crianças sobre o tema da sexualidade.

Após realizarem-se as atividades sobre a sexualidade infantil foi possível visualizar na prática, por meio de relatos de pais, professores e crianças, o que Freud escreveu sobre o desenvolvimento psicosexual e possibilidades acerca do referencial de Psicologia Positiva na infância. Ressalta-se o quanto há carência de abordagem dessa questão, tanto que se reflete no comportamento das crianças, quando nas primeiras falas denotam ser a sexualidade como um tabu. Atuar nesse contexto escolar é estar no cotidiano da escola e trazer práticas positivas em

um cenário permeado com abordagens negativas da sexualidade. Ambas visões complementaram-se e foram oportunas para avaliar e orientar com relação a aspectos da sexualidade infantil nessa creche, condição essa que em um processo terapêutico individual aqui não contemplou e se caracteriza como a limitação da experiência dada o seu propósito inicial de cunho avaliativo.

O texto se debruça sobre uma temática pouco pesquisada na área da educação infantil, mas de extrema relevância social e, por isso, se torna importante destacar a importância de novos estudos com essa temática com enfoque em práticas qualitativas, que poderiam mensurar os feedbacks trazidos subjetivamente pela comunidade escolar, pois, este relato de experiência está no fato de por ser de aporte qualitativo. Sugere-se que em futuras experiências, os profissionais que se depararem com o tema da sexualidade consigam trabalhar, de forma direta, com os professores e pais, por meio de palestras e informativos, bem como, por meio de plantão psicológico.

5 REFERÊNCIA

BAILEY, Craig. Steven. et al. Emotional and organizational supports for preschoolers' emotion regulation: Relations with school adjustment. **Emotion**. v. 16, n. 2, p. 263-279, 2016.

BASTOS, Caroline Benezath Rodrigues; PYLRO, Simone Chabudee. Psicologia Escolar na concepção de professores de Educação Infantil e Ensino Fundamental. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 20, n. 3, p. 475–481, 2016.

BOCK, Ana Mercês Bahia; FURTADO, Odair; TEIXEIRA, Maria de Lurdes Trassi. **Psicologias, uma introdução ao estudo de Psicologia**. São Paulo: Saraiva, 2002.

COLE, Michael; COLE Sheila R. **O desenvolvimento da criança e do adolescente**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

CRUZ, Elizabete Franco. Educação sexual e educação infantil nos relatos de profissionais que trabalham com a formação de educadores de creche/pré-escola. **Pro- Posições**, v. 14, n. 3, p.42, set-dez. 2003.

DEVRIES, Karen M et al. "I never expected that it would happen, coming to ask me such questions": Ethical aspects of asking children about violence in resource poor settings. **Trials**, v. 16, p. 516, 11 nov. 2015. Disponível em: <<http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/26558829>>. Acesso em: 21 jan. 2017

FAGUNDES, Tereza Cristina Pereira Carvalho. **Educação sexual-construindo uma nova realidade**. Salvador: Instituto de Biologia da UFB, 1995.

FREUD, Sigmund. **História de uma neurose infantil e outros trabalhos**. In: FREUD, Sigmund. *Obras completas de Freud (s/l: s/e)*, 1919.

GARBARINO, Mariana Inés. **A relação da criança com o saber**: uma abordagem a partir da vigência das teorias sexuais infantis. In: *O declínio dos saberes e o mercado do gozo*. São Paulo, An 8, Col. LEPSI IP/FE-USP, 2011. Disponível em: http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC0000000032010000100050&lng=en&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em: 20 jan. 2017.

GIACOMONI, Claudia Hofheinz; SOUZA, Luciana Karine De; HUTZ, Claudio Simon. O conceito de felicidade em crianças. **Psico USF**, v. 19, n. 1, p. 143–153, 2014.

GIACOMONI, Claudia Hofheinz; SOUZA, Luciana Karine De; HUTZ, Claudio Simon. **Indicadores de bem-estar subjetivo infantil**: o que dizem as crianças. In: *Avaliação em Psicologia Positiva*. São Paulo, CETEPP, 2016.

HOZA, Betsy et al. Does childhood positive self-perceptual bias mediate adolescent risky behavior in youth from the MTA study? **Journal of Consulting and Clinical Psychology**, v. 81, n. 5, p. 846–858, oct. 2013. Disponível em: <http://doi.apa.org/getdoi.cfm?doi=10.1037/a0033536>. Acesso em: 20 jan. 2017

IZDEBSKA, Agnieszka; BEISERT, Maria J.; ROSZYK, Anna. The early childhood sexual experiences and collusion in adult partner relationship. **Psychiatr Pol.**, v. 49, n. 3, p. 625-36, may-jun., 2015.

LEWIS, Terri et al. Does the impact of child sexual abuse differ from maltreated but non-sexually abused children? A prospective examination of the impact of child sexual abuse on internalizing and externalizing behavior problems. **Child Abuse & Neglect**, v. 51, p. 31–40, jan. 2016. Disponível em: <http://linkinghub.elsevier.com/retrieve/pii/S0145213415004408>. Acesso em: 20 jan. 2017.

LOPEZ, Shane J.; SNYDER, Charles Richard. **The Oxford handbook of positive psychology**. (U. Press, Ed.). Oxford, 2011.

MARUJO, Helena Águeda; NETO, Luís Miguel; BALANCHO, Leonor Segurado de Falé. Emergência, desenvolvimento e desafios da psicologia positiva : Da experiência subjetiva à mudança social. **Estudos contemporâneos da subjetividade**, v. 3, n. 2, 2013.

NEVES, M. B. A. S.; GOMES, C. A. C. Educação em sexualidade: “verdade ou consequência?” **Revista brasileira de sexualidade humana**, v. 27, n. 1. p. 25- 36, 2016.

NGHIPONDOKA-LUKOLO, Linda Ndeshipandula; CHARLES, Kimera Lukanga. Parents’ Participation in the Sexuality Education of Their Children in Namibia: A Framework and an Educational Programme for Enhanced Action. **Global journal of health science**, v. 8, n. 4, p. 172–87, 2015. Disponível em: <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/26573053>. Acesso em: 22 jan. 2017.

NUNES, Vinícius Humberto; PEROSA, Gimol Benzaquen. Cárie dentária em crianças de 5 anos : fatores sociodemográficos , locus de controle e atitudes parentais. **Ciencia & Saude**

Coletiva, v. 22, n. 1, p. 191–200, 2017.

RAPPAPORT, Clara Regina. **Modelo piagetiano**. In: RAPPAPORT, Clara Regina; FIORI, Wagner da Rocha; DAVIS, Cláudia. *Teorias do Desenvolvimento: conceitos fundamentais*. São Paulo: EPU, p.51-75, 1981.

ROCHA, Andressa Garcia da; OLIVEIRA, Valdenor Santos. Educação Sexual na visão dos pais da Escola Estadual de Educação Básica André Antônio Maggi. **Nativa- Revista de ciências sociais do norte de Mato Grosso**, v.4, n. 2, p. 1- 8, 2015. Disponível em: <http://revistanativa.com/index.php/revistanativa/article/view/201/pdf>. Acesso em: 20 jan. 2017.

RODRIGUES-PALUCCI, Claudia Mazzer; LOUREIRO, Sonia Regina. Indicators of problems evaluated by parents and children stratified by birth weight. **Estudos de Psicologia (Campinas)**, v. 34, n. 1, p. 107–118, 2017.

RODRIGUES, Cibele Pavani; WECHSLER, Amanda Muglia. A sexualidade no ambiente escolar: a visão dos professores de educação infantil. **Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade**, v. 1, n. 1, p. 89- 104, 2014.

SCHWARTZ, Fernanda Tabasnik; LOPES, Graziela P.; VERONEZ, Lauren F. A importância de nomear as emoções na infância: relato de experiência. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 20, n. 3, p. 637–639, 2016.

SELIGMAN, Martin. **Authentic Happiness**: Using the new positive psychology to realise your potential for lasting fulfillment. New York: F. Press, 2002.

SHAFFER, David R. **Psicologia do desenvolvimento**: infância e adolescência. São Paulo: Thomson, 2005.

SILVA, Maria Graziela Assenço da. **A Sexualidade Infantil**: Desafios e Perspectivas no Currículo Escolar. 2013.62 f. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso) UnB, Brasília. 2013.

SPAZIANI, Raquel Baptista; MAIA, Ana Cláudia Bortolozzi. **Educação sexual infantil**: relatos de pais e mães. In: II Simpósio Internacional de Educação Sexual: gênero, direitos e diversidade sexual, 2., 2011, Maringá. Maringá: UEM, 2011. Disponível em: <http://www.sies.uem.br/trabalhos/2011/199.pdf>. Acesso em: 21 jan. 2017.

VASSILOPOULOS, S. P.et. al. A psychoeducational school-based group intervention for socially anxious children. **The Journal for Specialists in Group Work**, v. 38, n. 14 p. 307-329, 2013.

WIDERSKI, Mariana; JUNIOR, Antonio G. Ferreira. Onde a psicanálise e a psicologia humanista se cruzam. **Saberes Unicampo**, v. 01, n. 01, Jan/Jun, 2014.

WINNICOTT, Donald Woods. **A família e desenvolvimento individual**. WMF MARTINS FONTES: WMF Martins Fontes, 1958.